

História Antiga: Relações Interdisciplinares.

Fontes, Artes, Filosofia,
Política, Religião e Recepção

Carmen Soares, José Luís Brandão &
Pedro C. Carvalho (coords.)

PANATENEIAS FORA DE ATENAS (Panathenaia outside Athens)

GILBERTO DA SILVA FRANCISCO (gisifran@gmail.com)
Universidade Federal de São Paulo

RESUMO - As Panateneias eram um festival relacionado ao culto da deusa Atena organizados no seio de importantes referências locais na região da Ática, o que marcou esse festival durante boa parte de sua experiência. Entretanto, a partir do período helenístico, as referências locais passaram a dividir espaço com uma ampliação de sentidos do festival, o que se materializou de várias formas, inclusive a criação de Panateneias fora da cidade de Atenas. Este texto apresenta uma discussão sobre o processo que organizou essa nova experiência das Panateneias como um fenômeno mediterrânico entre os períodos helenístico e romano.

PALAVRAS-CHAVE - Panateneias; ânforas panatenaicas; Atenas; Roma; Delos

ABSTRACT - The Panathenaea was a festival related to the cult of the goddess Athena organized on the important local references in the region of the Attica, which marked this festival during most part of its experience. However, since Hellenistic period that local references divided space with an enlargement of the meanings of the festival, in many ways, including a creation of Panathenaea outside the city of Athens. This paper presents the debate about the process that structured this new experience of the Panathenaea as a Mediterranean phenomenon in the Hellenistic and Roman times.

KEYWORDS - Panathenaia; panathenaic amphorae; Athens; Rome; Delos

As Panateneias foram festivais relacionados ao culto da deusa Atena na cidade de Atenas cuja origem remonta a um referencial local bastante forte¹. O nome remete ao sinecismo que articulou vários *deme* da Ática em torno da cidade de Atenas, à figura de Teseu e Ericônio². O prêmio que era oferecido nas competições atléticas no interior desse festival era o azeite advindo das oliveiras sagradas de Atenas, uma memória da oferta que Atena teria feito à cidade na disputa que estabelecera com Posidão pela preferência da cidade: a oliveira. Esse azeite era

¹ Para uma introdução às Panateneias, ver Neils 1992: 13-28; para uma visão detalhada de seu desenvolvimento, ver Shear 2001 (com a apresentação extensiva e comentada das fontes literárias e epigráficas). Para uma apresentação mais breve das fontes literárias sobre as Panateneias, ver Davison 1958.

² Para uma breve apresentação da discussão sobre o início e o fim do festival panatenaico, ver Francisco 2012: 90-1.

oferecido aos vencedores em grandes vasos de cerâmica chamados ânforas panatenaicas³ que apresentavam, além das provas atléticas, a figura da deusa Atena como *Promakhos* e uma inscrição tradicional que indicava a filiação do prêmio ao festival de Atenas⁴.

Em determinados períodos, o nome dos arcontes responsáveis pelo festival, assim como agonotetas e *tamiai*, também eram inseridos nesses vasos, indicando a importância dessas referências locais no festival⁵. Ainda, na própria composição das várias provas, havia um grupo delas restrito apenas à participação de cidadãos atenienses, as chamadas competições tribais. Ou seja, diferente dos festivais pan-helênicos como do Ístmo de Corinto, de Delfos, de Olímpia e de Nemeia, as Panateneias foram organizadas respondendo a um referencial local predominante. Mas, essa situação mudou bastante e um indício das transformações foi a criação de várias Panateneias fora da cidade de Atenas: na Magnésia, em Cízico, Tróia, Priene, Pérgamo, Sárdis e Rodas (ver fig. 1)⁶.



Figura 1. Mapa de localização de Panateneias no período helenístico e romano (desenho: Gilberto da Silva Francisco).

³ Para as ânforas panatenaicas ver Bentz 1998 e Francisco 2012.

⁴ Para a inscrição *thon Athenethen Athlon*, ver Francisco 2012: 119.

⁵ Para as inscrições com nomes de arcontes, agonotetas e *tamiai*, ver Francisco 2012: 261-5.

⁶ Para as Panateneias criadas em outras cidades, além de Atenas (vários locais: Ílion, Cízico, Pérgamo, Priene, Magnésia e Rodas), ver Pauly & Wissowa 1952: lxxii, xxii.

O objetivo deste texto não é apresentar detalhadamente cada uma dessas Panateneias, mas refletir sobre o contexto que permitiu esse fenômeno de ampliação de sentido do festival panatenaico que passou da articulação centrada no referencial local para uma abrangência pan-helênica; e também as consequências desse novo cenário. Dessa forma, duas questões serão perseguidas: a primeira é a compreensão de como esse fenômeno se desenvolveu (como a referência local deu espaço a um interesse que não se enquadrava no campo de significados que o festival panatenaico e seus elementos tinham em Atenas); e a outra é a extensão dessa projeção de interesse; ou seja, até onde o festival panatenaico chegou a ser utilizado como referência exterior ao universo de influência ático.

É importante considerar que as Panateneias eram festivais secundários no cenário pan-helênico até o século V a.C. Eram sim frequentadas por atletas que circulavam no âmbito dos quatro mais importantes festivais gregos, mas nas Panateneias havia um elemento crucial de atração: o azeite advindo das oliveiras sagradas, as *Moriai*⁷. Considerando as informações do primeiro quartel do século IV a.C., uma lista com as provas do festival panatenaico e a quantidade de prêmios que eles poderiam obter⁸, o vencedor da prova de corrida de quadriga obtinha cerca de 140 vasos cheios desse azeite, o que seria correspondente a aproximadamente 5 toneladas de um produto que era bem avaliado, alcançando valores de mercado em torno de quase 1700 dracmas, o que era suficiente para comprar 7 escravos de preço médio e uma ou duas casas na cidade ou várias no campo⁹. Ou seja, há que se pensar que, no festival panatenaico, havia um efetivo atrativo pecuniário que não era característico dos grandes festivais pan-helênicos.

Mas, observando algumas inscrições do final do século III e do II a.C., percebe-se que a situação mudou bastante, já que o festival passou a ser frequentado por representantes de monarquias helenísticas como reis, rainhas, príncipes e princesas atalidas e ptolomeus, cuja participação era estendida inclusive às competições tribais. Essas são as únicas listas conhecidas de vitoriosos nas Panateneias¹⁰; e, nesse contexto, indicam um forte interesse pelo festival, o que pode

⁷ Para as *Moriai*, ver Kyle 1993: 39; Hanson 1998: 145 sqq.; Hardin 2007: 122.

⁸ *Inscriptiones Graecae (IG) II² 2311*.

⁹ “Por exemplo, se o vencedor da corrida de carro vendesse todo o óleo obtido, ele poderia receber uma quantia de dinheiro equivalente a 6 anos de salários diários. Com isso, ele poderia comprar uma ampla casa na cidade ou um rebanho de ovelhas ou 15 escravos. Deveria ser notado, porém, que os vencedores nos jogos pan-helênicos, incluindo aqueles nos Jogos Olímpicos, obtinham grandes ganhos materiais, mesmo se o seu prêmio fosse apenas uma simples coroa. Pois uma vitória olímpica era seguida por tantas honras e doações da cidade natal do vencedor que sua vida poderia mudar radicalmente. Muitas cidades, por exemplo, ofereciam um montante fixo, refeições vitalícias no Prinateu, isenção de taxas, assentos honorários em todos os eventos públicos e muitos outros privilégios” (tradução minha) (Valavanis 2004: 372-5).

¹⁰ Essas inscrições apresentam 55 nomes de vitoriosos em duas provas hípicas, e se pode verificar a presença maciça de vencedores Ptolomeus e Atalidas (ou ligados a eles): em 202

ser ratificado por outras informações, como aquelas relacionadas às ânforas panatenaicas (ver fig. 2). Esses vasos eram intimamente ligados ao festival, já que eles seriam os continentes que portavam o azeite oferecido como premiação. Os dados quantitativos não são precisos, mas se pensa em números que alcançam a produção de milhares de vasos padronizados a cada Grande Panateneia. Sua produção foi iniciada no século VI a.C. e durou até o século I a.C.; cessando muito antes do término do festival que teria sido extinto entre o final do século IV e o início do século V d.C. E essas informações nos proporcionam muitas direções interessantes para se pensar nos significados das Panateneias.

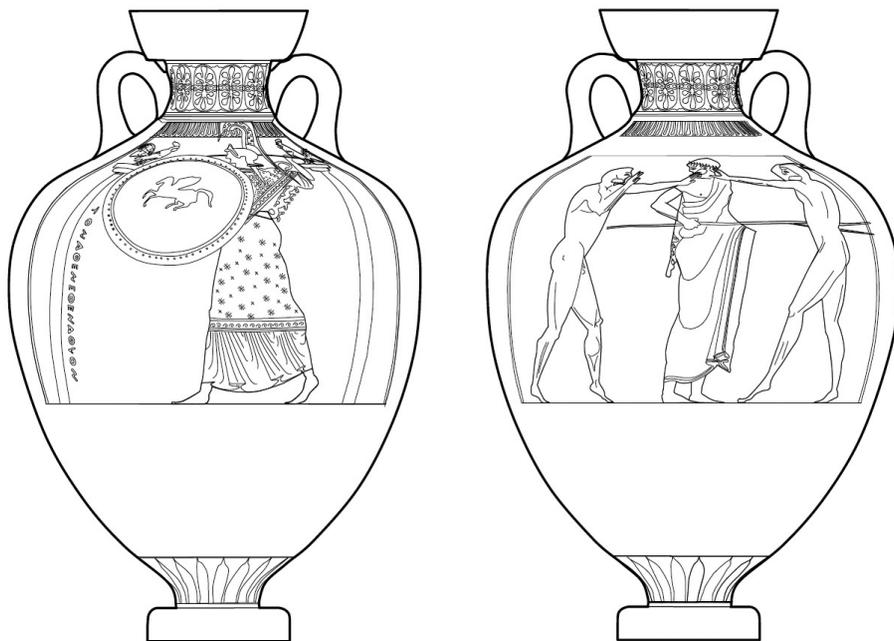


Figura 2. Ânfora panatenaica, “próximo” do Pintor de Cleofrades, c. 500-480, Toledo (Ohio), Museu de Arte de Toledo, inv.: 1961.24 (desenho: Gilberto da Silva Francisco).

a.C. (*IG II2 2313*), Zeuxo, Eucratéia e Hermione (?), filhas de Polícrates de Argos, um ministro dos Ptolomeus; e em 198 a.C., Polícrates de Argos, Zeuxo de Cirente (sua esposa); em 182 a.C. (*IG II2 2314*), príncipe Átalo, rei Eumenes, príncipe Filetairo, príncipe Atenaio e Hermione (filha de Polícrates); em 170 a.C. (*Supplementum Epigraphicum Graecum (SEG) XLI 115*), Irene de Alexandria, Olímpio de Esparta (cujo irmão estava a serviço de Ptolomeu VI), rei Eumenes e o príncipe Átalo; e em 162 a.C., Agatocléia (filha de um embaixador ptolomaico), rainha Cleópatra II, rei Eumenes e rei Ptolomeu VI; em 158 a.C. (*IG II2 2316*), príncipe Mastanabal da Numídia e o rei Ptolomeu VI; e em 150 ou 146 a.C. (*IG II2 2317*) Rei Alexandre (Balas)? – Ver Tracy 1991: 144-5.

Entre os séculos VI e V a.C., a produção de ânforas panatenaicas foi um fenômeno praticamente local; ou seja, respondia à criação ática e conectada quase exclusivamente ao festival panatenaico. Havia, assim, além da produção desses vasos que portavam o azeite panatenaico, vasos relacionados como ânforas pseudo-panatenaicas, miniaturas, ânforas de tipo panatenaico em figuras vermelhas, entre outros (ver fig. 3). Todas essas criações compunham um repertório basicamente ático de produção ceramista que foi em certa medida ampliado, e as primeiras projeções exteriores foram feitas na Magna Grécia. Por exemplo, no século V a.C., na oficina do Pintor de Pisticci de Metaponto (ver fig. 4), criou-se uma réplica de ânforas panatenaicas, um fato completamente novo até então; que foi ratificado com uma produção mais generalizada em oficinas da Magna Grécia de vasos de tipo panatenaicos com função aparentemente funerária¹¹.



Figura 3. Ânforas de tipo panatenaico (da esquerda para a direita): ânfora pseudo-panatenaica, c. 540 a.C., Tampa 86.24; Miniatura de ânfora panatenaica, Grupo de Bulas, c. 400-380 a.C., Louvre CA 2930; Ânfora de tipo panatenaico em figuras vermelhas, c. 490 a.C., Munich 2313; Ânfora de tipo panatenaico ápula, c. 325-300 a.C., Louvre K 86; Ânfora de tipo panatenaico da Magna Grécia, c. 300-280 a.C., Vicenza F.G.-00428A; ânfora de tipo panatenaico em fundo branco, século II a.C., Atenas, Ágora P8522 (desenho: Gilberto da Silva Francisco).

¹¹ Para as ânforas de tipo panatenaico produzidas na Magna Grécia, ver Cambitoglou & Chamay 1997: 342; para a “ânfora panatenaica” do Pintor de Pisticci, ver Denoyelle 1997.

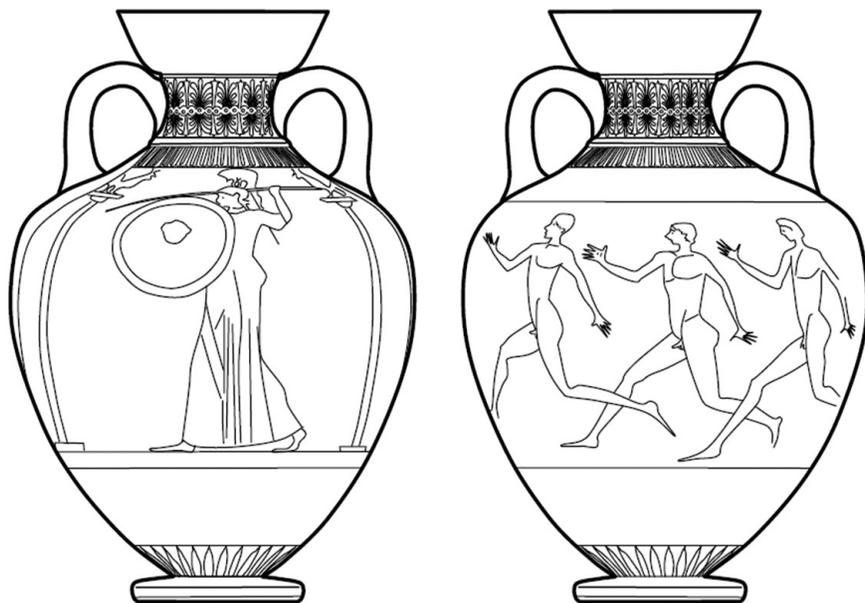


Figura 4. Ânfora de tipo panatenaico, c. 440-410 a.C., atribuídas ao Pintor de Pisticci, Metaponto 310.897 (desenho: Gilberto da Silva Francisco).

Pensando no repertório de figuras de ânforas panatenaicas, a situação parece a mesma: no século VI a.C., na Ática, aparecem poucas figuras na iconografia vascular, o que é consistentemente ampliado a partir do século V a.C., época que aparecem várias figuras de ânforas panatenaicas em vasos de figuras vermelhas, geralmente conectadas ao ideário atlético. Entretanto, já no século V a.C. percebe-se que as figuras de ânforas como as panatenaicas começam a aparecer nas oficinas da Magna Grécia. Nesses casos, é preciso considerar a forte conexão entre as oficinas áticas e as italias. Por exemplo, o citado Pintor de Pisticci, produtor de uma réplica de ânforas panatenaica, é situado em um debate sobre sua origem: se ele era um artesão ático que imigrara para Metaponto ou se era um artesão italiota que teria aprendido seu ofício com artesãos áticos, ou altamente influenciado por estes; o que indica claramente a proximidade dessas oficinas¹².

Entretanto, a partir do século IV a.C., a situação muda bastante: não apenas a produção ática ou aquela muito ligada a ela passa a produzir vasos e figuras inspirados nas ânforas panatenaicas, mas esse tipo passa a aparecer em vários outros contextos. Vasos inspirados nas ânforas panatenaicas, chamados de ânforas agonísticas, foram produzidos em Olbia, Éfeso, Rodes e Alexandria (ver fig. 5). No caso de Rodes, há a conjunção de elementos interessantes para pensar nessa

¹² Para o debate, ver Denoyelle op. cit.

situação. A cidade também instituiu uma Panateneia própria e criou ânforas agonísticas muito próximas das ânforas panatenaicas em pleno século IV a.C.; por exemplo, com a técnica de figuras negras que, naquela época, tinha um uso bem restrito (ver fig. 6). Assim, Rodes teve uma Panateneia própria com ânforas “panatenaicas” próprias. Além disso, há notícias de que artesãos ceramistas áticos teriam imigrado para Rodes nesse mesmo período, o que sugere que tal produção tenha sido relacionada à sua influência. E, completando o quadro da complexidade do caso, é preciso notar que, apesar das referências explícitas ao festival ático, em Rodes, as ânforas traziam a figura da divindade políade Hélios e não Atena¹³.



Figura 5. Mapa de localização das cidades que produziram ânforas agonísticas (desenho: Gilberto da Silva Francisco).

¹³ Para a apresentação dessas referências às ânforas panatenaicas, ver Valavanis 2001 e Francisco 2012: 121-30. Para os vasos de Rodes e a possibilidade de terem sido produzidos por ceramistas áticos imigrantes, ver Francisco 2012: 94.



Figura 6. Fragmentos de ânfora agonística de Rodes, século IV-III a.C. (desenho: Gilberto da Silva Francisco).

Considerando tais informações, pode-se pensar nas consequências desse novo cenário. O primeiro elemento a ser indicado é a apropriação do festival em contexto romano. Para tanto, é importante notar que a situação das Panateneias quando Atenas foi dominada pelos romanos foi de ampla projeção, quase uma continuação do destaque que o festival vinha ganhando desde o período helenístico. Por exemplo, em 39 a.C., aparece pela primeira vez a figura do deus Dioniso na cunhagem de moedas atenienses, o que estava muito provavelmente ligado à presença de Marco Antônio em Atenas nesse período¹⁴. Ele, que já era relacionado ao deus Osíris no Egito¹⁵, em Atenas, recebeu o título de “deus Antônio, o novo Dioniso”, coerente como a aproximação feita entre Dioniso e Marco Antonio em Éfeso e em Samos. Marco Antônio teve também seu nome associado à Panateneia de 38 a.C., que foi chamada de “Antonéia”¹⁶. E, ainda, há relatos de que os atenienses ofereceram a Marco Antônio a própria deusa Atena como noiva, pela qual ele teria disposto um dote de um ou seis milhões de dracmas¹⁷.

¹⁴ Habicht 1997: 362, n. 105.

¹⁵ Earl 1980: 168.

¹⁶ *Antoniaia*, *IG II* 1043.22-3. Para Marco Antônio como o “novo Dioniso” e para as “Antonéias”, ver Taylor 1931: 122; Earl 1980: 168; Fishwick 1987: 48; Habicht 1997: 362; Brenk 1998: 162-9; Gurval 1998: 93 e Venning & Drinkwater 2011: 321. Ver Hurwit 1999: 358, n. 20; para uma estátua de Dioniso ou Marco Antônio vestido como o deus Dioniso erigida na Acrópole de Atenas e que caiu no teatro de Dioniso durante uma tempestade (Plutarco, *Vida de Antonio* 60 e Dion Cássio, 50.15).

¹⁷ Habicht 1997: 362, n. 105 (com bibliografia).

Esse tipo de envolvimento de importantes lideranças políticas que encontrava base na experiência de participação em níveis variados (desde diretivas políticas relacionadas ao festival até a participação nele) no período helenístico se consolidaria no período romano. A experiência de Marco Antônio encontraria continuidade, e a ação do imperador Domiciano, por exemplo, é emblemática. Dion Cássio diz que ele venerava Atena acima de todos os outros deuses e, nas Panateneias de Minerva, ela recebia uma pompa especial¹⁸. A descrição do interesse desse imperador por Atena é ratificada por sua inserção no quadro político ligado à organização do festival: Domiciano foi o primeiro imperador romano a se tornar arconte epônimo em Atenas. Seu arcontado, de 84/5 d.C., foi provavelmente no ano de uma Grande Panateneia, conforme indica a *IG II*² 1996¹⁹, iniciando-se, assim, uma prática política retomada por outros imperadores: Adriano (século II d.C.), Cômodo (século II d.C.) e Galeano (século III d.C.) e, nesse sentido, a própria figura do imperador romano é associada à do arconte por Aelius Aristides, na sua “Oração romana” (século II d.C.); não um simples arconte, mas um “grande arconte”, comparado a Péricles²⁰.

Ou seja, assim como havia políticos relacionados a realzas helenísticas que foram arcontes em Atenas, os imperadores Domiciano, Adriano, Cômodo e Galeano também o foram. Domiciano chegou a cunhar moedas com a figura de Minerva promaquéia parecida com à Atena das ânforas panatenaicas, o que já era feito desde o período helenístico em cunhagens da Sicília, Alexandria, Macedônia, Faselis, Cílica e em alguns reinos indo-gregos como aqueles da região da Bácia. E, mais que isso, o imperador Adriano alçou o festival panatenaico ao quadro dos quatro mais importantes do império, conjuntamente às Adrianeias, Panelênias e Olimpiéias; e, ratificando o destaque que o festival já vinha obtendo desde o período helenístico, ele passou a contar os anos como “panatenaicos” e não apenas “olímpicos”²¹.

Nesse sentido, há um exemplo relacionado ao imperador Augusto que indica claramente a mudança de significado do festival como algo de contornos pan-helênicos. Dion Cassio (*História Romana*, 54.28.3) comenta que esse imperador teria participado de uma Panateneia, pouco antes da morte de Agripa, na qual ele teria patrocinado alguns gladiadores. Durante muito tempo, essa passagem serviu como base para alguns autores pensarem na inserção de Augusto no festival panatenaico, o que vem sendo ampalemente revisto, já que há certas incongruências nessas informações.

A primeira delas é cronológica: Agripa morreu em março do ano 12 a.C., incompatível com a cronologia das Grandes Panateneias, que ocorrem no ano 14

¹⁸ Habicht 1994: 262.

¹⁹ Temporini & Haase 1979: 384.

²⁰ Temporini & Haase 1979: 1255.

²¹ Kelly 2006: 64.

ou 10 a.C., mas não no ano 12. Ainda, não há notícias da participação de gladiadores nas Panateneias, o que indica que tal informação não seja coerente com tal festival. E, considerando isso, a direção da interpretação parece bem diferente. É preciso lembrar que Dion Cássio escreve em grego, e a partir do léxico dessa língua, aparentemente, ele se refere a um festival romano chamado *Quinquatria* ou *Quinquatrus*, relacionado ao culto de Minerva.

Assim, dado a aproximação de Minerva e Atena, no texto em grego, o autor teria utilizado o nome do festival em grego que não tinha mais uma ligação exclusiva com Atenas. Como visto, desde o período helenístico, o nome Panateneia fora utilizado para descrever festivais diversos. Isso parece bastante viável, já que a cronologia da *Quintatria* é coerente com o referencial cronológico, o ano de 12 a.C., e nela havia a participação de gladiadores²². Ou seja, um claro exemplo de como o nome Panateneia tinha ganhado um significado bastante elástico desde o período helenístico, o que se manteve no início do principado romano.

Por fim, há um outro exemplo que indica a mesma elasticidade – as referências às ânforas panatenaicas em Delos. Há dois contextos básicos que apresentam citações às ânforas panatenaicas ali: alguns mosaicos de casas luxuosas (especificamente, a *Maison des Masques* e a *Maison du Trident*) e algumas pinturas parietais relacionadas aos Competaliastas (ver fig. 7)²³. No primeiro caso, há uma complexa trama que aparentemente apresenta o itinerário de um vencedor no festival panatenaico em Atenas, que teria obtido ânforas panatenaicas mediante sua vitória em corrida de carro, a imobilização desses vasos no santuário de Hércules em Reneia²⁴, e a cristalização da referência à vitória no mosaico em sua casa em Delos; o que é uma trajetória possível, mas não precisamente comprovada. Haveria, nesse caso, um componente da elite mobilizando uma referência às ânforas panatenaicas. No segundo caso, há a citação de ânforas panatenaicas em contexto específico: o repertório da premiação das *Compitalia*, o festival dos Competaliastas em Delos (uma associação de escravos e libertos romanos), em homenagem aos *Lares Compitalia*. Assim, em um caso, a mobilização feita por membros da elite e, no outro, por escravos e libertos.

Joseph Chamonard, importante arqueólogo da École Française d'Athènes que se dedicou profundamente às pesquisas arqueológicas de Delos, na sua pu-

²² Para o problema da “Panateneia” a qual teria participado Augusto, ver Habicht 1991: 226 e 1994: 261 e Stern 2006: 180, n. 96 (com bibliografia).

²³ Para a *Maison des Masques*, ver Bruneau & Ducat 2005: 293-5 (com bibliografia); para os mosaicos dessa casa, ver Chamonard 1933: 368, pr. VIII e IX. Para os mosaicos de Delos, ver Bruneau 1972. Para a *Maison du Trident*, ver Bruneau & Ducat 2005: 301-3 (com bibliografia). Para a situação geográfica desses edifícios, ver Bruneau & Ducat 2005 (dépliant VII). Para as pinturas relacionadas às habitações dos Competaliastas em Delos, ver Chamonard 1933: 36-7 e Meneses & Sarian 1973: 99. Para as *Compitalia* em Delos, ver Hasenohr 2003.

²⁴ Para o Santuário de Hércules, ver Bruneau & Ducat 2005: 321 (com bibliografia).

blicação “Les mosaïques de la Maison des Masques”, da série *Exploration Archéologique de Délos*, de 1933, apresenta uma clara distinção entre esses dois repertórios. Sobre as pinturas dos Competaliastas, ele diz que elas são inseridas em “comemorações populares que não tinham nada em comum com os grandes jogos gregos. Os lutadores que delas participavam, amadores ou profissionais, ou mesmo simples escravos da casa, não tinham nada dos grandes campeões das competições panelênicas” (tradução nossa).

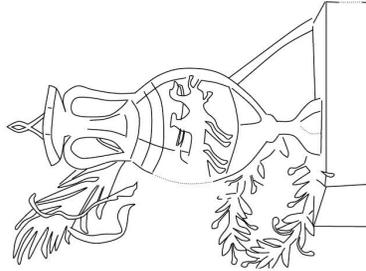


Figura 7. Delos: (esquerda) dois painéis de habitações relacionadas aos Competaliastas; (direita) mosaico da Casa do Tridente (Maison du Trident), séc. II a.C. (desenho: Gilberto da Silva Francisco).

Ora, há uma clara tentativa de distinção sobretudo social do significado das referências às ânforas panatenaicas, o que não se sustenta se considerarmos a própria materialidade dessas figuras: elas aparecem situadas no seio de um repertório relacionado à vitória, associadas a palmas, coroas vegetais, fitas etc. (ver fig. 8). Aparentemente, o que se observa nesses exemplos de Delos é o resultado de uma ampla projeção do festival panatenaico e de seus símbolos, que já poderiam ser incluídos no repertório de atletas renomados ou de escravos; ou seja, um exemplo que não se sustenta a partir da ideia de exclusividade.

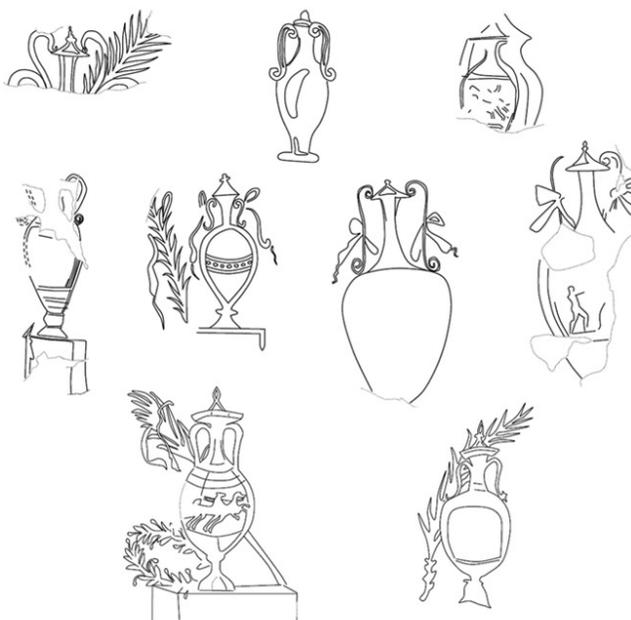


Figura 8. Figuras de ânforas panatenaicas em Delos (desenho: Gilberto da Silva Francisco).

BIBLIOGRAFIA

- Bentz, M. (1998), “Panathenäische preisamphoren: eine athenische Vasengattung und ihre Function vom 6.4. jahrhundert v. Chr.” *Antike Kunst Beiheft 18*. Basel: Vereinigung der Freunde antiker Kunst.
- Brenk, F. E. (1998), “*Relighting the souls: studies in Plutarch*”, in *Greek literature, religion, and philosophy, and in the New Testament background*. Franz Steiner Verlag.
- Bruneau, Ph. (1972), *Les mosaïques*. EAD XXIX. Paris.

- Bruneau, Ph & Ducat, J. (2005, 4^a ed.) *Guide de Délos*. Paris.
- Cambitoglou, A. & Chamay, J. (1997), *Céramique de Grand Grèce. La collection de fragments Herbert A. Cabn*. Zürich.
- Chamonnard, J. (1933), *Les mosaïques de la maison des masques*. EAD, XIV, Paris.
- Davison, J. A. (1958), “Notes on the Panathenaia”, *JHS* 78: 23-42.
- Denoyelle, M. (1997), “Attic or non-Attic?: The case of the Pisticci Painter”, in J. H. Oakley, O. Palagia, & W. Coulson, (orgs.) *Athenian potters and painters: the conference proceedings*. Oxford, p. 395-405.
- Earl, D. C. (1980), *The age of Augustus*. Exeter.
- Fishwick, D. (1987), *The imperial cult in the latin west: studies in the ruler cult of the western provinces of the roman empire*. 1, Volume 1. Leiden.
- Francisco, G. da S. (2012), *Panatenaicas. Tradição, permanência e derivação*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- Gurval, R. A. (1998), *Actium and Augustus: The Politics and Emotions of Civil War*. Detroit.
- Habicht, C. (1991), “Was Augustus a Visitor at the Panathenaia?”, *Classical Philology* 86.3: 226-8.
- Habicht, C. (1994), *Athen in hellenistischer Zeit.: Beiträge zu Politik, Gesellschaft und Kultur*. C.H. Beck.
- Habicht, C. (1997), *Athen: die Geschichte der Stadt in hellenistischer Zeit*. Harvard.
- Hanson, V. D. (1998), *Warfare and Agriculture in Classical Greece*. Los Angeles.
- Harding, Ph. (2007), *The Story of Athens: The Fragments of the Local Chronicles of Attika*. London - New York.
- Hasenohr, C. (2003), “Les Compitalia à Délos”, *BCH* 127: 167-249.
- Hurwit, J. M. (1999), *The Athenian Acropolis: History, Mythology, and Archaeology from the Neolithic Era to the Present*. Cambridge.
- Kelly, Ch. (2006), *The Roman Empire: A Very Short Introduction*. Oxford.
- Kyle, D. G. (1993), *Athletics in Ancient Athens*. Leiden.
- Meneses, U. T. B. & Sarian, H. (1973) “Nouvelles peintures liturgiques de Délos”. *BCH* sup. 1: 77-109.
- Neils, J. (ed.) (1992), *Goddess and polis. The panathenaic festival in ancient Athens*. New Jersey.
- Pauly, A. F. Von & Wissowa, G. (1952), *Paulys Real-Encyclopädie der classischen Altertumswissenschaft: neue Bearbeitung*, Volume 21. J. B. Metzler.
- Shear, J. L. (2001), *Polis and Panathenaia: the history and development of Athena's festival*. Michigan.

- Stern, G. (2006), *Women, children, and senators on the Ara Pacis Augustae: A study of Augustus' vision of a new world order in 13 BC*. Berkeley.
- Taylor, L. R. (1931), *The divinity of the Roman emperor*. Randburg.
- Temporini, H. & Haase, W. (1979) *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. Walter de Gruyter.
- Tracy, S. V. (1991), "The panathenaic festival and games: an epigraphical inquiry." *Nikephoros* 4: 133-53.
- Valavanis, P. (2001), "Panathenäische amphoren auf monumenten spätklassischer, hellenistischer um römischer zeit. " in M. Bentz, & N. Eschbach, (orgs.) *Panathenaika. Symposion zu den Panathenäischen Preisamphoren Raouishholzhausen 25.11. – 29.11.1998*. Mainz: Verlag Philipp Von Zabern, p. 165-74.
- Valavanis, P. (2004), *Games and Sanctuaries in Ancient Greece. Olympia, Delphi, Isthmia, Nemea, Athens*. Los Angeles.
- Venning, Th. & Drinkwater, J. (2011), *A Chronology of the Roman Empire*. New York.